

Bem vindo ao deserto do Real! : O século XXI

Abraão Cesar dos Santos Francisco¹

Resumo

O Século XXI se inicia com grandes perguntas a humanidade. O vazio de poder ocasionado pelo fim da Guerra Fria, foi preenchido primeiramente pelos Estados Unidos e posteriormente com o advento da globalização por inúmeros estados que visam encontrar seu “lugar ao sol” na disputa mundial por poder e influência.

Esse novo cenário mundial globalizado, abriu espaço para inúmeras vertentes seja de governo, seja de manutenção social, no início do século XXI temos que essas vertentes tem se manifestado como formas violentas de atuação.

Estamos presos nesse Deserto do Real, onde as incertezas não nos permitem traçar uma ideia do que virá a seguir e essa incerteza pode mudar os rumos da história e estudar o tempo presente, apesar das complicações da proximidade histórica com o objeto, nos leva a poder pensar em prospectos por onde a humanidade deva passar.

Palavras chaves: Guerra Fria. Terrorismo. Século XXI.

¹ Licenciado em História pelo Centro Universitário Salesiano de São Paulo – Unidade São Joaquim Lorena. Licenciando em Filosofia pela mesma universidade.

Introdução

Cronologicamente os séculos são divididos como espaços de cem anos, no entanto os historiadores sempre consideraram que a história não se trata apenas de contagem do tempo. Assim estabelecendo alguns parâmetros, percebemos que o século XIX, por exemplo, começa historicamente antes mesmo do fim do século XVIII.

No período de 1776 a 1789, portanto no fim do século XVIII e dentro do tempo histórico, uma nova ordem social começava a se desenhar, quando as três revoluções liberais tiveram êxito. Os Estados Unidos acabaram por se tornar independentes do domínio colonial britânico, a Revolução Industrial encontrara na Grã-Bretanha as estruturas ideais para seu avanço e, por fim, em 1789, a Revolução Francesa, trazia um novo modelo sócio-político ao mundo.

Se pensarmos nos modelos políticos, sociais, econômicos do mundo durante o século XIX, percebemos que eles surgem exatamente nesses treze anos entre o início da Revolução Americana e a Queda da Bastilha na França. Para Eric J. Hobsbawm é exatamente nesse entrave de tempo que se inicia o “longo século XIX” que, segundo ele, só verá seu fim com o anúncio do fim dos impérios com o início da Primeira Guerra Mundial.

Pensando nesses períodos de finalização e início de era historiográfica, podemos pensar no período em que se inicia o século XXI, se o período anterior, o chamado de “Breve Século XX” começou com o fim da Primeira Guerra, seu fim poderá ser traçado com o fim da Guerra Fria, já que o conflito entre socialismo e capitalismo iniciado em 1917 com a Revolução Russa, foi a marca do século XX e seu fim alterou as estruturas da sociedade, criando o novo século. Portanto esses períodos de fim e início de novos ciclos podem ser fruto de estudo para procurarmos compreender ou analisar como o mundo poderá funcionar nos anos vindouros, não uma análise profética, mas uma pequena aposta sobre como o mundo irá funcionar.

Todos nós, na medida do possível, tentamos prever o futuro. Faz parte da vida, dos negócios, nos perguntamos sobre o que ele nos reserva. Mas a previsão do futuro deve necessariamente basear-se no passado. Os acontecimentos futuros precisam ter alguma relação com o passado, e é nesse ponto que intervém o historiador. Ele não está em busca de lucros, no sentido de que não explora seus conhecimentos para assegurar ganhos. O historiador pode tentar identificar os elementos relevantes do passado, as tendências e os problemas. Por isso, é preciso que nos arrisquemos a fazer previsões, mas tomando certos cuidados. Entre os quais, tendo sempre a consciência do perigo de macaquear a cartomante. Precisamos entender que,

na prática e por princípio, grande parte do futuro é inteiramente inacessível.
(Hobsbawn, 1999)

Assim, a partir dessa premissa o presente artigo visa refletir a partir da análise de alguns escritos, a maneira como o século XXI tem se desenvolvido e poderá se desenvolver, a partir da premissa de que o fim da Guerra Fria passa a desenhar o quadro de transição atual, para um novo modelo que não sabemos ainda qual poderá ser.

1 – A Guerra Fria e a Ordem Mundial Bipolar.

O século XX foi marcado por dois grandes eventos: a Grande Guerra (I e II guerras mundiais²) e a Guerra Fria, e ambos esses eventos tiveram protagonistas claros: a Europa (Inglaterra, França e Alemanha, principalmente), os EUA e a URSS.

Desde 1917, ano do início da Revolução Russa, houve um grande embate entre os modelos socialistas e capitalistas, primeiro na Rússia, onde os bolcheviques acabaram por tomar o poder do czar e inaugurar uma nova forma de governo, espalhando essa luta para outros países europeus. Após a Revolução Russa, muitos países do leste europeu e até mesmo a Alemanha de Rosa de Luxemburgo, realizaram levantes socialistas e desde seu início o sistema capitalista liberal foi o principal inimigo dos sistemas emergentes. Assim causa estranheza ao pensarmos nas conferências realizadas no decorrer da II Guerra Mundial, onde o capitalismo dialogou com o socialismo para que pudessem se auxiliar no combate ao modelo totalitário de governo de Adolf Hitler.

A aliança entre URSS e EUA teve inúmeros problemas de tensão, pois independente de lutarem ao mesmo lado no front, Stalin tinha pretensões expansionistas que atrapalhavam os interesses norte-americanos na Europa e na Ásia. Assim as Conferências de Yalta (1943) e Postdam (1945) foram marcadas por extensas disputas entre as duas potências vencedoras da II Guerra Mundial.

Após as negociações, ambos os líderes das nações voltam para seus países para pensar na reconstrução de suas pátrias, no entanto, tão logo retorna para os EUA, o presidente Truman (1884 – 1972) passa a liderar o grupo de países que auxiliará os países europeus a reconstruir suas economias e a URSS fazendo parte desse acordo passa a receber auxílio dos EUA. Stalin então passa a anexar os territórios previamente acordados anteriormente, mas percebe que os EUA buscam controlar os países que estão auxiliando. O medo de Stalin

² Para o historiador inglês Eric J. Hobsbawn, as duas guerras mundiais compreendem um único grande conflito, marcado por uma trégua armada entre os dois períodos de agressões.

reside nos relatórios sobre as perdas militares, econômicas e humanas dos países, o que evidenciaria uma fraqueza geopolítica da nação soviética.

Stalin então rompe com o acordo, não enviando tais relatórios, perdendo o apoio econômico para sua reconstrução e opta por fechar a URSS ao mundo, embora passe a visar à criação de um bloco econômico com os países do Leste Europeu.

A partir desse fechamento da URSS e da ocupação de alguns territórios, as nações europeias, principalmente a Inglaterra de Winston Churchill, passa a ver nas decisões soviéticas uma ameaça para o mundo e passa a cobrar das outras nações medidas para tentar impedir o que chamado de avanço da ameaça vermelha.

Esse é o contexto que antecede a chamada Doutrina Truman, que inaugura um dos períodos mais sombrios da humanidade. Após sair da chamada Era da Catástrofe, o mundo entraria num embate duradouro entre as potências ocidentais lideradas pelos EUA e a URSS e seus aliados e estados satélites.

Anunciada no Congresso Nacional, no dia 12 de março de 1947, pelo presidente americano Harry S. Truman, a Doutrina Truman visava segundo o próprio presidente “*defender o mundo livre contra a ameaça comunista*”, detendo assim o avanço soviético sobre o mundo. Tão logo foi anunciada, inúmeras nações passaram a aderir ao combate ao comunismo, iniciando não só em solo americano, uma intensa “caça às bruxas” onde inúmeros suspeitos de serem comunistas ou simpatizarem com o regime foram presos e tiveram seus direitos constitucionais violados.

Assim em 12/03/1947 inicia-se o período que historicamente se foi condicionado a chamar de Guerra Fria. Segundo o filósofo do século XV, Thomas Hobbes, a guerra consiste não só na batalha, ou no ato de lutar, mas no período de tempo em que a vontade de disputar pela batalha é suficientemente conhecida (Hobbes, apud Hobsbawn, 1995). E assim foi durante os vinte e três anos da Guerra Fria, os embates entre as duas nações nunca aconteceram de fato, no entanto em países periféricos, principalmente no Oriente Médio, os combates aconteceram entre que apoiavam cada um dos regimes³.

Logo após a declaração no Congresso, Truman passa a financiar a recuperação da Grécia e da Turquia, criando ali países satélite para monitorar o avanço soviético, e para se preparar para possíveis retaliações. Com as nações aliadas ao seu regime, os EUA criam em

³ Passam a acontecer nesses territórios periféricos, o que se convencionou de chamar de Guerras de Procuração, as grandes potências (EUA e URSS) financiam conflitos entre tribos ou grupos, pelo domínio do governo dos territórios. Um exemplo é a intervenção militar no Afeganistão, onde o Mujahideen, eram apoiados pelos Estados Unidos para enfrentarem os invasores soviéticos.

1949 a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), que reunia as principais nações da Europa e os Estados Unidos. Em resposta a URSS cria com seus aliados o bloco socialista do Pacto de Varsóvia. Está inaugurado o bipolarismo mundial.

Esses dois grupos hegemônicos dominaram o cenário econômico, social e militar, até o fim da URSS em 1991. Inúmeros conflitos, golpes e intervenções foram realizados durante essa disputa, principalmente no Oriente Médio e na América Latina.

Muito claramente, podemos perceber dois pontos cruciais de embate entre EUA e União Soviética: Cuba e Afeganistão. Após a derrubada do governo de Fulgêncio Baptista, Fidel Castro se alinha com o governo soviético e causa grande problema aos EUA, sendo que uma das mais intensas crises da Guerra Fria é a instalação de mísseis soviéticos em Cuba, em 1962.

Já a crise afegã se faz importante para esse artigo, pois nela residem alguns dos principais fatores que levam a construção do século XXI, o auxílio estadunidense aos grupos de resistência Taleban ao ataque soviético. Após as invasões soviéticas os Estados Unidos passa a auxiliar os rebeldes talibãs contra os invasores, cedendo armas e treinamento para seus soldados, entre eles o que se tornará o inimigo número um do regime americano, Osama Bin Laden.

Em seu livro de 2002, *Bem vindo ao deserto do real!*, o filósofo esloveno, Slavoj Zizek diz que “*a própria existência do Afeganistão é resultado desse jogo de potências estrangeiras*” (Zizek, 2002), por essa afirmação podemos perceber que a própria Guerra Fria foi responsável pela criação desse estado, e em outras localidades do Oriente Médio também. Basta pensarmos no Iraque que também foi financiado pelos EUA na sua guerra contra o vizinho socialista Irã⁴ e é claro o Estado de Israel, que de certa forma é um braço do ocidente rodeado de nações islâmicas, às quais visam esmagá-lo e criar uma nação islâmica sob todo o Oriente Médio e norte da África.

Em certos casos, como no Afeganistão, não há nenhum Estado, mas apenas disputas entre grupos, tal como no século XV durante o feudalismo, com facções mais ou menos armadas e mais ou menos vinculadas às elites e aos proprietários fundiários. Essas facções, se engalfinham, tentando alcançar uma espécie de equilíbrio. (Hobsbawm, 1999)

⁴ O Irã, passou de um regime com ligações a URSS, para uma monarquia pró-Occidente e em 1979, se tornou uma república islâmica teocrática

O Afeganistão foi desde o século XVIII, um estado tampão, entre britânicos e russos, sofrendo diversas interferências dos britânicos até 1919 com a eclosão de uma guerra visando sua independência. Em 1978 houve uma revolução marxista (Revolução de Saur), onde o Partido Socialista Afegão acabou por tomar o poder, sendo então auxiliado pela URSS, que entrou no país em 1979. A resistência a esse regime foi dada pelos EUA, em treinamento e armas aos rebeldes do Taleban, que lutariam contra os soviéticos até a retirada das tropas russas do país em 1991, as vésperas da dissolução da Cortina de Ferro.

Com o mundo dividido, o medo era o que regia a humanidade, medo da guerra nuclear, medo da destruição da raça humana. Com a doutrina MAD (Mutually Assured Destruction), o medo da destruição nuclear era evidente e sob essa sombra a humanidade viveu por durante 23 anos, e o impacto dessas ideias influenciaram o mundo. Percebemos que no caso do Oriente Médio o impacto foi tremendo, a ponto de influenciar a criação de estados, no caso de Israel, apoiar ditadura como a de Saddam Hussein que lutava contra o regime pró-socialista do Irã, como também na América Latina, como foi o caso da Revolução Cubana, que trouxe um regime socialista ao poder, até as manipulações dos golpes na América do Sul incluindo o Golpe de 1964 no Brasil.

Mas embora essas convulsões e choques entre os dois blocos acontecessem em regiões específicas, percebemos que uma grande calma reinava nas regiões da Europa, que ano a ano recuperava-se dos efeitos da guerra, a OTAN mostrava-se suprema em seu bloco econômico ocidental, enquanto o Pacto de Varsóvia garantia a existência de um bloco socialista no oriente e suas ligações com Cuba e em algumas proporções com a China no extremo-orientes.

2 – Do fim da União Soviética a Nova Ordem Mundial

No contexto descrito anteriormente, a URSS visava conseguir o maior número de adeptos para o Pacto de Varsóvia, objetivando criar um cenário econômico coerente e capaz de fazê-la desenvolver-se, levando os ideais da Revolução Russa aos confins do mundo, e por fim vencendo o capital, conforme previra o filósofo e economista alemão, Karl Marx.

No entanto, desde o início do período da Guerra Fria, a União Soviética enfrentara uma série de problemas e de conflitos. A Iugoslávia de Tito, apesar de viver em um regime socialista, não aderiu ao Pacto de Varsóvia. A Hungria, após aderir ao bloco, decidiu por uma economia mais aberta que a proposta, baseada nas ideias do então presidente Imre Nagy. No

entanto invadida por tropas soviéticas que depuseram o presidente Nagy do poder, colocando em seu lugar, em 1956, um presidente mais alinhado à órbita soviética, Janos Kadar.

O próprio alinhamento de Cuba com a União Soviética representou uma forte crise com os EUA, que lançaram uma política de investimentos e parcerias por toda a América Latina, para impedir o avanço da influência soviética para o mundo. Atrelada a essas crises, desde sua criação os investimentos industriais, feitos nos anos pós II Guerra, tornavam-se na década de 1970 obsoletos, e devido as condições climáticas a URSS passava por uma grave crise nos gêneros alimentícios, chegando a importar da Europa e da Argentina, trigo em 1970. A crise econômica ocasionada pela corrida espacial e militar levou também a formulação de um acordo entre EUA e União Soviética para diminuir a fabricação de mísseis e armas, além do prejuízo de manterem tropas permanentemente na Hungria, na fronteira com o Irã e no Afeganistão.

Aqui cabe um parêntese sobre a estruturação do socialismo, numa sociedade como a Rússia. Para Marx, em seus estudos sobre o capital e o socialismo, este deveria ser implantado em um regime político, onde o capitalismo funcionasse plenamente, numa economia baseada na produção industrial, sendo que o socialismo seria a fase final do capitalismo, o proletariado assumiria o poder após se rebelar contra a forma capitalista, assim iniciar-se-ia o socialismo.

No entanto historicamente a Rússia não tinha indústrias desenvolvidas, a revolução se dá a partir da necessidade do povo russo, o simpatizante da causa operária, usam os membros do proletariado para aumentar a frente revolucionária contra o Czar Nicolau II, assim percebemos que a Rússia não possuía a força de capital para poder gerar um estado baseado no socialismo.

Ao tomar a frente da revolução e o poder, Lênin então inicia uma série de propostas visando criar meios do capitalismo russo, baseado principalmente na agricultura, formar uma força econômica para sustentar o sistema.

Percebemos que pelo simples fato de que o socialismo ter se iniciado numa nação sem os aparatos econômicos e materiais necessários, colocava grande dúvida no sucesso do regime, que manteve suas estruturas iniciais baseadas no que Marx chamou de “Ditadura do Proletariado”, não avançando para o socialismo de fato.

Essa estrutura se mantém até a morte de Josef Stalin, ditador soviético que deu as bases isolacionistas para a URSS, já que era a favor do socialismo numa esfera menor, o socialismo de um país só. Assim percebemos que uma grave crise era eminente aos aspectos isolacionistas da URSS e do Pacto de Varsóvia, crise que se torna mais evidente no início dos anos 1980, quando em um período de cinco anos a URSS tem três presidentes diferentes,

sendo que o quarto, que assume em 1985 é Mikhail Gorbachev, o primeiro líder soviético que não lutara na Revolução Russa ou na Segunda Guerra, mas sim feito carreira nas universidades soviéticas se tornando anos antes Ministro da Agricultura, conhecendo de perto os problemas da União Soviética.

Suas primeiras iniciativas visavam dinamizar a economia soviética, e reformular as estruturas socialistas, por meio de maior liberdade das relações econômicas empresariais, maior investimento de capital estrangeiro, embora com algumas restrições, era essa a base da Perestróika. Juntamente com essas intervenções econômicas, Gorbachev buscava reestruturar o socialismo a partir da política de transparência denominada Glasnost. A Glasnost permitia uma maior liberdade de expressão, fazendo com que as pessoas participassem a partir de reivindicações sobre os problemas sociais do regime.

No entanto tanto a Perestróika quanto a Glasnost, causaram insatisfação aos ideários do regime. Membros do Partido Comunista visavam maior participação nas decisões políticas e inúmeros países buscavam a independência.

A situação política se agravava, com a Queda do Muro de Berlin, em 1989 e na Rússia em 1991, o presidente Gorbachev é preso por golpistas que tentam retomar o controle e as praticas da URSS, no entanto um contragolpe é arquitetado pelo Partido Comunista de Boris Yeltsin que visava devolver o controle da URSS a Gorbachev, no entanto com a popularidade do partido em frangalhos e o inicio da fragmentação do URSS, os líderes da Rússia, Bielorrússia e Ucrânia assinam um acordo findando a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, dando origem a uma série de países independentes, que se somariam a crise de formação do novo século.

O fim da URSS representou o fim do bipolarismo mundial, e permitiu que os EUA avançassem por todo o mundo levando suas principais ideias sem a intervenção de um inimigo a sua altura, já não havia barreiras para a globalização.

As ideias que conquistaram o mundo são em sua base três: democracia, livre iniciativa e paz. A democracia, baluarte da Revolução Americana de 1776, era por obrigação a bandeira de intervenção do capital americano, pois desde os anos da Doutrina Truman era a principal desculpa para a intervenção norte americano em qualquer parte do globo; a livre iniciativa como forma democrática de fazer a economia girar, sem a intervenção do estado, permitindo a livre associação de empresas e do capital estrangeiro a todos os países e a paz como forma final de garantir tanto a democracia quanto a livre iniciativa.

O mundo que antes era bipolar se torna unipolar, pois a partir de 1991 e da dissolução da União Soviética, já não existem entraves para a disseminação dessas ideias, que

são muito mais impostas do que propostas aos países. Também precisamos pensar na grave crise que se instaura no Leste Europeu e no Oriente Médio nos anos que seguem após o fim do socialismo, e principalmente o fim do inimigo do estado americano.

Tão logo a União Soviética se dissolveu, muitos países juntaram-se a OTAN, buscando parcerias para reestruturar sua economia e sociedade, no entanto inúmeras crises começaram a surgir, a primeira delas na Geórgia logo seguida por conflito étnicos raciais na Armênia, no Azerbaijão e na guerra civil que culminaria na separação da região do Kosovo, contestada pela Sérvia.

Por mais críticas que se possam fazer ao regime soviético, ele continha essas disputas, mantendo nas regiões o ideal do mote socialista de “todos somos um”, isso criava um conceito de nação que abarcava inúmeras etnias”. Albaneses, sérvios, eslavos, muçulmanos eram obrigados a conviver pela força do regime soviético dentro das estruturas do regime, sendo que após a queda da Cortina de Ferro, esses conflitos vêm à tona com as lideranças nacionalistas e regionais.

A intervenção da OTAN nessas regiões é expressiva, tropas de países membros se degladiam com os governos contrários ao ocidente, o mais interessante nesses casos é analisar a hegemonia norte americana nas decisões referentes a essas intervenções.

Para Hobsbawm é claro que o papel de policiar o mundo não pode pertencer aos americanos, tão pouco a ONU, que deve se limitar a mediar esses conflitos, no entanto cada vez mais se via a interferência norte americana a partir das ações da OTAN. “O mundo não será viável se uma nação pode dizer simplesmente: “Sou poderosa o suficiente para fazer o que quiser, e por isso farei o que bem entender”” (Hobsbawm, 1999).

Pouco antes do fim da URSS, vemos os EUA numa guerra contra seu antigo aliado, Saddam Hussein, que dominara a região do Kuwait. Em 1990 inicia-se a Guerra do Golfo, que tinha o aval da ONU e era liderada pelos Estados Unidos. O presidente George Bush, declara que se iniciava uma nova era, marcada pela harmonia e pela paz, mas dizer isso em meio a um eminente conflito entre países de poderoso aparato militar poderia soar como no mínimo algo paradoxal e conflitante, mas dessa forma percebemos que os mandatários do fim do século XX seriam os EUA e suas políticas socioeconômicas, e só se poderia viver sob sua tutela, seja através da economia, pois a moeda de compra e venda internacional segue o padrão dólar, ou por imposição, já que militarmente nenhum país podia fazer frente a uma ocupação americana.

Essa nova era marcada pelo vácuo de poderio, preenchido pelos EUA, gerará os maiores conflitos do século XXI, pois atualmente a maior força contrária aos Estados Unidos é exatamente a força que eles criaram e visaram dominar.

3 – O novo inimigo americano: o Terrorismo.

A crise soviética evidenciada na queda do muro de Berlim deixava claro para o mundo que havia um vazio estratégico entre as potências, a URSS já não podia fazer frente aos avanços capitalista, nem mesmo dar conta de manter suas estruturas, como vimos anteriormente. Os EUA passam então a atuar nesse vazio estratégico, levando seus ideais ao resto do mundo, muitos dos antigos aliados do Pacto de Varsóvia aderem a OTAN, sendo usados em intervenções, um caso interessante é o da Iugoslávia.

Após lutar contra a ocupação nazista, o líder da resistência Iugoslava Josip Broz Tito, organizou um estado baseado no socialismo; surgia assim a Republica Federativa Popular da Iugoslávia, que se caracterizou principalmente por não se alinhar a União Soviética, mantendo uma política que conseguia unir na figura de Tito as diversas etnias sob seu território.

No entanto, após sua morte em 1980, todas essas etnias acabam por degladiarem-se por independência, o que culmina no recorte da Iugoslávia em pelo menos uma dúzia de republicas, onde os conflitos eram cada vez mais acirrados, levando a intervenção da ONU e da OTAN, levando assim países que nada tinham a ver com os conflitos, como a Polônia e a Hungria, recém-incorporadas a OTAN a auxiliarem na intervenção.

Como percebemos a estabilidade, apesar de se basear num modelo opressor onde se optava ou pelo regime socialista ou pelo regime capitalista e ser um tanto inconsistente, no período da Guerra Fria, acabara e a nova era, dita por Bush seria com certeza permeada de conflitos de estabilizações.

No entanto, também devemos reconhecer que a Guerra Fria estabilizou o mundo, ou pelo menos uma vasta região do mundo, para o bem ou para o mal, conforme o ponto de vista. A maioria dos europeus considera que foi para o bem. (...) Mesmo assim, vale repetir, a Guerra Fria produziu de fato uma estabilização mundial. Ela não eliminou as guerras, mas, exatamente como no século XIX, tornou no mínimo administráveis certos tipos de conflito. Como esse estado de coisas já não existe mais temos de nos perguntar o que poderia substituí-lo. Por enquanto, ele deu lugar a uma incerteza total, pois não só a União Soviética foi completamente destruída, mas todo o sistema de relações internacionais ao qual o mundo, ou pelo

menos a Europa, se acostumar desde pelo menos o século XVIII.
(Hobsbawm, 1999)

Esse vazio tomado pelos EUA demonstra claramente os ideais de expansão da cultura e ideologia norte-americanas, que se expandem em caráter imperialista visando uma mudança global baseada em seus princípios ideológicos: democracia, livre iniciativa e paz, podendo, como disse Hobsbawm, “reivindicar uma hegemonia mundial”.

(...) os Estados Unidos são uma potência revolucionária, baseada em uma ideologia revolucionária. Assim como a França revolucionária e a Rússia soviética, os Estados Unidos não são apenas um Estado, mas um Estado empenhado em transformar de certo modo o mundo. (Hobsbawm, 1999).

Assim desde 1991, com a queda da URSS e a ascensão dos EUA como única superpotência, percebemos o avanço dos ideais americanos ao redor do mundo. Empresas multinacionais americanas como o Walmart e o McDonalds chegam aos lugares mais improváveis do globo, criando assim um mercado global para os americanos.

Política e militarmente não havia nação, país ou órgão que pudesse fazer frente ao poderio militar e à influência norte americana, assim o país seguia no controle de inúmeras crises, no leste europeu como no caso do Kosovo, nação independente não reconhecida pela Sérvia, como no Oriente Médio, principalmente atuando ao lado de Israel e contra a ditadura de seu antigo aliado Saddam Hussein.

Toda essa influência e poderio incontestável norte americano parecia não ter fim, no entanto na fatídica manhã de onze de setembro de 2001, os EUA foram atacados em pleno solo americano. Desde Pearl Harbor em 1941, os EUA não eram atacados dessa forma. As torres gêmeas do World Trade Center, maior complexo de empresas e instituições financeiras do mundo foi atacado e derrubado num atentado terrorista que chocou o mundo e principalmente, é claro os americanos.

A Al-Qaeda, organização terrorista fundamentalista islâmica, assumiu a autoria dos ataques e seu líder Osama Bin Laden, o mesmo que recebera auxílio dos americanos contra os soviéticos em 1972, declarou uma *jihad*, ou seja, guerra santa contra os Estados Unidos e o Ocidente.

Aqui percebemos claramente o que a invasão dos ideais estadunidenses causou no mundo, principalmente no mundo tradicional e fundamentalista do Oriente Médio, o repúdio às ideias e modo de vida ocidentais levaram grupos armados do Afeganistão a concentrar sua luta contra os EUA.

Novamente haveria algum grupo contrário a essa invasão de ideais ocidentais no Oriente e é assim que iniciamos o século XXI, com a visibilidade do terrorismo islâmico no ocidente. Os EUA agora tinham um inimigo a enfrentar.

Depois de 1990 e do colapso dos Estados comunistas que proviam a figura do inimigo da Guerra Fria, o poder de imaginação do Ocidente passou por uma década de confusão e ineficácia, procurando “esquematisações” adequadas para a figura de inimigo, passando pelos chefões dos cartéis do narcotráfico até uma sucessão de senhores da guerra dos assim chamados “Estados renegados” (Saddam, Noriega, Aidid, Milosevic) sem se estabilizar numa única imagem central; só com o 11 de setembro essa imaginação recuperou seu poder com a construção da imagem de Osama Bin Laden, o fundamentalista islâmico e a Al-Qaeda, sua rede “invisível” (Zizek, 2002)

Tão logo os ataques aconteceram, os EUA organizam uma coalizão para atacar o Afeganistão, reduto da Al Qaeda, e são prontamente auxiliados pela ONU e pela OTAN. Percebemos nesse ponto que mesmo a ONU e a Europa se submetem à ideia hegemônica dos Estados Unidos, auxiliando-os em sua cruzada contra o terrorismo.

A Europa sucumbiu a uma espécie de chantagem americana: ‘O que está em jogo agora não são diferentes opções econômicas ou políticas, mas nossa própria sobrevivência – na guerra ao terrorismo, ou vocês estão conosco ou estão contra nós’ (Zizek, 2002).

4 – Conclusão: O deserto do real no início do século XXI.

O deserto do real é exatamente esse confronto com a realidade criada pelos próprios interesses estadunidenses. Assim como no filme de 1999, “The Matrix” a humanidade é subjugada pelas máquinas, o homem se torna refém de suas próprias criações e essa é a principal estrutura do início do século XXI.

Ao nos depararmos com o ataque às torres gêmeas em 11 de setembro, percebemos como as estruturas globais eram frágeis e claramente passamos a entender que, apesar de hegemônico, o sistema de dominação estadunidense não é unânime, visto que foram atacados por antigos aliados de uma antiga guerra, de um velho mundo, cujas estruturas haviam se esfacelado.

As ações posteriores ao 11 de setembro mostraram claramente que a hegemonia dos EUA era evidente. Sem pestanejar a ONU e a OTAN organizaram coalizões internacionais chefiadas pelos americanos, tanto para invadir o Afeganistão, reduto da Al Qaeda, como o

Iraque, sob a alegação de posse de armas de destruição em massa pelo governo de outro antigo aliado: Saddam Hussein.

Assim percebemos que apesar de não ser unânime, os EUA não tinham quem os impedisse de invadir e intervir em outros países em nome dos ideais democráticos. Nem mesmo a ONU poderia intervir nesse caso visto que: “(...) afinal a ONU não é uma potência independente, mas depende da autoridade que lhe é conferida pelas grandes potências.” (Hobsbawm, 1999). Assim percebemos que mesmo sem a unanimidade mundial, por muitos anos ainda os EUA se mantiveram como única potência capaz de se impor para controlar situações conflitantes fora de seu país.

A missão no Afeganistão não conseguiram deter os mais variados núcleos dos terroristas, e fizeram com que alguns deles inclusive se fortalecessem. Já no Iraque toda a ação contra as forças de Saddam culminaram na prisão e morte do ditador e na instalação de um governo fantoche na região.

Se num primeiro momento toda a ação contra o terrorismo foi apoiada pela opinião pública e pelas Nações Unidas, a demora e os poucos resultados dessas intervenções começaram a por em xeque a credibilidade das ações norte - americanas.

Em 2008 o presidente americano Barack Obama é eleito e logo em seguida à sua posse, ordena a retirada de tropas do Iraque, mas aumenta as tropas no Afeganistão prometendo em 2010 a retirada de todo o efetivo militar estadunidense do Afeganistão até 2014. Paralelamente a esses movimentos, a Rússia passa também lançar-se tanto no mercado mundial, criando alianças com os chamados países emergentes, incluindo o Brasil, como também a atuar contra as ações norte-americanas no Oriente Médio, principalmente na intervenção militar na Líbia, decorrente de uma guerra civil iniciada na Primavera Árabe.

A Primavera Árabe, que foi um movimento social de grande participação popular no Oriente Médio, visava a derrubada dos antigos regimes ditatoriais impostos a sociedade, esses movimentos iniciados em 2011, culminaram com a derrocada de inúmeras ditaduras e governos opressores.

Se o ataque aos EUA foi o deserto do real para o Ocidente, que sempre considerou as tragédias como parte da realidade terceiro mundista e não gerado a partir de suas próprias realidades e ações, a Primavera Árabe mostra o deserto do real oriental, pois inúmeras ditaduras e governos tradicionais foram contestados e derrubados. Na proposta deste trabalho não nos aprofundaremos nesta questão, mas sim no papel das potências mundiais referente a essas manifestações e posteriores guerras civis que pipocaram em toda parte do Oriente Médio.

Se o inacreditável aconteceu em 2001 e os EUA foram atacados, ao vivo, com a exibição em *real time*, pelos canais de televisão e pela internet, em seu próprio território, revelando um deserto de realidade jamais experimentado, a Primavera Árabe trouxe ao oriente uma mobilização ‘democrática’ jamais vista no Oriente Médio. Os ditadores, antigos heróis das guerras contra os colonizadores, contra as forças de dominação fascistas, socialistas e imperialistas, eram agora contestados e derrubados.

O processo no Oriente Médio foi marcado por inúmeras manifestações, muitas delas culminando em verdadeiras guerras civis. Na Líbia, o governo de Muamar Kadafi foi derrubado pelos insurgentes e pelo apoio ocidental da OTAN. Ao fim do conflito Kadafi foi morto pelos insurgentes e na Líbia foi estabelecido um governo provisório a espera das eleições.

No Egito, as agitações levaram à renúncia do presidente Hosni Mubarak, que foi condenado a prisão perpétua pela morte de 850 manifestantes durante a Revolução Egípcia de 2011.

Todas essas manifestações mostraram claramente que, após o fim da Guerra Fria, o mundo estava à mercê dos EUA e por isso eles se mantiveram hegemonicamente como líderes incontestáveis da economia mundial, nas forças armadas capazes de levar seus ideais as regiões de interesse e como guardiões da democracia. No entanto, o 11 de setembro mostrou que a hegemonia estadunidense não era absoluta, como pretendia, visto que, como revelado pela Al Qaeda, existiam movimentos que ameaçavam a estrutura que se impunha, uma estrutura construída por forças que auxiliaram muitos dos ditadores árabes a subir ao poder, tirando a hegemonia europeia do norte da África e do Oriente Médio.

Mas além dos movimentos fundamentalistas e extremistas dos terroristas da Al Qaeda, uma nova grande potência parece surgir no cenário mundial. Após anos de recuperação e de crises internas, a China claramente surge como uma potência capaz (ou pelo menos com a intenção) de fazer frente aos Estados Unidos.

E evidenciando as intenções da China e de sua aliada Rússia, podemos assinalar duas crises atuais que demandam atenção, a crise da Criméia na Ucrânia e da Síria. Ambas demonstram a ideia de contestação das intervenções americanas.

Envolvida numa guerra civil, desde as primeiras manifestações da Primavera Árabe em 2011, a Síria enfrentou o embate entre as forças leais ao presidente e os rebeldes sírios, muitos grupos ligados diretamente a terroristas e a extremistas religiosos. Apesar da situação caótica no país, a intervenção internacional havia se expressado apenas com o fornecimento de armas para os grupos rebeldes e ajuda humanitária para a população civil e refugiados.

Entre os anos de 2012 e 2013 um ataque contra cidades sírias realizado com armas químicas chocou o mundo, e colocou os EUA de prontidão para a intervenção direta na região, com suas tropas prontas para a ação militar, pronto para enviar tropas para intervir militarmente nos conflitos sírios. No entanto esbarrou na vontade chinesa e russa, que propunham a mediação diplomática do conflito.

A Rússia então passou a conduzir investigações sobre a procedência das armas químicas e a procurar dialogar com as lideranças rebeldes, visando a melhor solução do conflito que ainda se arrasta em inúmeros combates nas principais cidades sírias e na capital, Aleppo.

Na Ucrânia, a intervenção russa surgiu a partir das manifestações na Crimeia contra a derrubada do presidente ucraniano, Viktor Yanukovich, que no exílio pediu auxílio à Rússia para controlar a situação caótica na região, que possui maioria de habitantes russa.

Em março de 2014, a recém-declarada República Autônoma da Crimeia, após ter sido ocupada por militares russos, foi anexada a Federação Russa, após um referendo popular. Apesar de não ser ainda reconhecida pelas Nações Unidas, a Ucrânia, que visava se unir a OTAN, é uma região estratégica tanto aos olhos americanos quanto aos olhos russos, portanto uma região intensamente disputada.

Após analisarmos esses inúmeros fatos percorridos até agora, podemos perceber que o início do século XXI, principalmente nos campos territoriais dos Estados e no campo político, atravessa uma grande crise, crise essa permeada de incertezas e de especulações.

Se pensarmos de modo geral verificamos que há uma vasta crise no Oriente Médio, onde os países em que a Primavera Árabe aconteceu não conseguem dar conta dos intensos conflitos que se deram após o início dos novos governos, sequer sinalizam serem capazes de lidar com as diferenças étnicas raciais dos povos que habitam seus territórios. Verificamos também uma grave crise, com a expansão de um novo “Estado Islâmico” fundamentalista e extremista, que visa criar um califado baseando-se na lei corânica a Xariá, em oposição tanto a governos ocidentais como a orientais.

A crise étnica nos remete aos problemas da dissolução da Iugoslávia na década de 1990 e toda essa crise traz a tona uma série de questionamentos sobre como o mundo deverá se desenvolver a partir disso, questões que provocam estudos mais amplos e profundos para serem elucidadas.

O Oriente Médio, que por toda sua história foi envolvido por inúmeras intervenções e retaliações, sua cultura aviltada e ameaçada, suas raízes praticamente destruídas pelo ocidente, como conseguiria sair desses inúmeros conflitos que seguem em seu território. Seria

um Estado teocrático capaz de conviver com a diversidade étnica e racial das minorias orientais, tais como os xiitas, cristãos e curdos? E sobre essas minorias, principalmente os curdos, como se daria sua participação no final do processo da guerra? E Israel, qual seria o papel dos israelenses dentro dos conflitos atuais, visto que eles são o baluarte do ocidente no coração do oriente.

Claramente o mapa do Oriente Médio tende a se modificar drasticamente, seja com a fundamentação do Estado Islâmico, seja com a criação de um Estado para os curdos. Já a crise no leste Europeu nos mostra que a Rússia se fortalece e parece cada dia mais ser capaz de enfrentar ou até mesmo frear os objetivos de dominação americana, visto que os EUA não ousaram interferir no processo de anexação da Criméia. O crescimento chinês, apesar dos prospectos da crise econômica mundial, é ainda muito maior do que o dos outros países emergentes, como o Brasil.

Visto isso, seria esse novo embate entre Rússia e Estados Unidos um resquício da crise que pôs fim a Guerra Fria? Pois claramente as duas nações se degladiam no cenário mundial, inclusive com boicotes e sanções econômicas para ambos os lados. Tendo em vista a participação da China como aliada direta da Rússia, seria uma possibilidade que os três países encabeçam uma nova ordem bipolar?

Por fim podemos condensar as ideias, ao refletirmos que toda a crise causada pelo fim da Guerra Fria, traz a tona no cenário mundial uma grande incerteza. Ao pensarmos na alegoria do filme “The Matrix” todo o cenário global de embate entre EUA e URSS, foi capaz de manter a humanidade sob um véu de realidade onde não havia alternativas, ou seguia-se o bloco capitalista ou o bloco socialista.

No entanto com o fim da Guerra Fria, somos lançados de volta ao mundo real, onde a destruições das antigas estruturas nos levam ao cenário atual, onde toda essa incerteza culmina na criação no novo século, sendo que lançados na realidade faltam estruturas que nos deem suporte para entender essa nova realidade.

Ainda se pensarmos na alegoria do filme e tendo em mente esse novo embate entre as potências dos anos da Guerra Fria, EUA, Rússia e China, podemos ver que assim como no filme, existe ainda algo que visa controlar o novo século, mas existem também “agentes” que não fazem parte do programa, no caso do filme temos o agente Smith, um programa renegado que não faz mais parte da antiga lógica.

Podemos assim atribuir o embate de uma terceira via, caracterizada pela movimentação do chamado Estado Islâmico como esse agente fora da lógica anterior, pois

não existe nem capitalismo, nem socialismo nos ideais do Estado Islâmico do Iraque e do Levante.

Existindo então, aqueles que hoje lutam a favor do velho regime, de dominação bipolar e aquele que a parte desse processo visam inaugurar um novo modelo estrutural. Trazendo a nós as principais características do Deserto do Real, a angústia em viver no modelo atual de dominação através do capital e a incerteza do futuro e dos novos modelos.

Todas essas alegorias nos trazem ao novo século que em seus primeiros 14 anos, foi capaz de trazer à tona novas forças, no entanto não deixa claro como o mundo irá reagir nos próximos anos. Devemos nos ater a uma convicção de que o mundo que conhecemos e que nos aventuramos a entrar devido à globalização caminha para uma intensa mudança, que irá reestruturar a realidade, quem sabe criando novos desertos do real no mundo a seu redor.

Essas estruturas ainda hoje estão em efervescente mudança, a crise global abarca o surgimento de novos modelos de governo, migrações em massa, surgimento de novos atores no cenário global nos mostra o quão frágeis são as estruturas montadas no fim do século XX, que não se mostram capazes de clarear os caminhos do novo século. Mas uma coisa se faz certa, o novo século se mostra um século de transição, para uma nova ordem, um novo modelo global, que se baseia não só na globalização, mas na desestabilização dos modelos políticos anteriores.

Por mais sombrio que o atual cenário pode parecer, ele nos oferece uma generosa oportunidade de escolha, trilhar os mesmos caminhos, pode nos levar a um agravamento do cenário, porém é nesse momento de transição do mundo bipolar (EUA x URSS), unipolar (EUA, 1991 – 2001), a multipolar (globalizado) que podemos criar novos modelos que sustentem o mundo com seus novos desafios étnicos e sociais, rompendo essas esferas de poder de grupos hegemônicos.

O Deserto do real, só poderá ser vencido, quando o Escolhido, não uma figura messiânica, mas o próprio homem cujo papel social parece se perder nas ondas da influência midiática, reencontrar seu papel como protagonista e responsável pela história do mundo, deixando de lado os interesses hegemônicos de grandes corporações e visando um novo contexto de harmonia social e étnica.

São esses os maiores desafios do século XXI, vencer o deserto do real e conciliar mais de um século de disputas geopolíticas e econômicas mundiais. Um trabalho hercúleo, que nos dará uma grande oportunidade de reacender as chamas da cooperação humana mundial, seja para vencer os atuais agentes do caos, seja para enterrar os velhos fantasmas do mundo antigo, seja para criar um oásis duradouro no meio desse deserto global de incertezas.

Referências:

GOMES, Henrique Manuel Candeias Rosa. **A nova ordem mundial: Do fim do Mundo bipolar à emergência dos novos actores internacionais**. Portugal: Dissertação de Mestrado em Estudos Euro-Asiáticos. 2006

HOBSBAWN, Eric. **Globalização, democracia e terrorismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

HOBSBAWN, Eric. **Era dos Extremos: o breve século XX 1914 - 1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

HOBSBAWN, Eric. **O novo século: entrevista a Antonio Polito**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2013.

KOSELLECK, Reinhart. **Crítica e Crise**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1999.

MANDELBAUM, Michael. **As ideias que conquistaram o mundo: Paz, Democracia e Livre Iniciativa**. Rio de Janeiro: Editora Campus, 2003.

MÉSZÁROS, István. **“Poder Político e Dissidência nas Sociedades Pós-Revolucionárias”**. In: **Para Além do Capital**. São Paulo: Boitempo, 2002. p.1012-1031.

ZIZEK , Slavoj. **Bem vindo ao deserto do real!**. São Paulo: Boitempo editorial, 2003.